

DE AUTÓCTONE EXÓTICO, BÁRBARO INCULTO A GUERREIRO CANIBAL: REPRESENTAÇÕES DA ALTERIDADE NA LITERATURA E NO CINEMA NACIONAL

Ana Célia Coelho¹; Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel²

1. Ex-bolsista PROBIC/UEFS, Graduanda em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), e-mail: hanna_celia@ig.com.br 2. Orientador, Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), e-mail: rhseidel@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Antonio Torres, revisão da história; literatura pós-colonial.

INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta do projeto de iniciação científica: "História e cultura em *Meu querido canibal* e *Hans Staden*: um estudo comparativo", vinculado ao projeto temático "Descaminhos do viandante: espaço nacional, fronteiras e deslocamentos na obra de Antônio Torres", apoiado pela CNPq/UEFS.

Como se sabe, o índio tem se constituído através do tempo como o lugar do Outro, da alteridade, que historicamente mobilizou vários temas e que por contraste acabou por definir elementos do olhar de nossa própria sociedade. Em outros contextos, esse Outro foi chamado de selvagem, bárbaro e seus costumes considerados estranhos e primitivos, em oposição ao mundo civilizado. Além disso, na história do Brasil, há vários acontecimentos pouco conhecidos, e que não são devidamente analisados pelos nossos historiadores. Geralmente, só é divulgada a versão oficial dos fatos, versão essa, muitas vezes, superficial e/ou deturpada.

Diante disso, este artigo pretende discutir acerca da cultura e da identidade nacional a partir da análise crítica de romances e filmes que abordam a temática identitária, focando as representações do índio na construção do imaginário brasileiro. As obras escolhidas para análise foram: o filme *Hans Staden* (2000), do diretor Luiz Alberto Pereira, cuja narrativa é baseada no livro *Duas viagens ao Brasil* (1557), do escritor alemão Hans Staden, relata com muita riqueza a vida dos indígenas e dos aventureiros do século XVI no Brasil recém "descoberto"; o romance *Meu querido canibal* (2000), do escritor baiano Antonio Torres, obra considerada como uma ficção pós-moderna, pois desmascara o etnocentrismo europeu para questionar o discurso histórico.

O interesse inicial deste estudo, na perspectiva comparatista, se deu pela forma como o cinema se constrói em espaço de divulgação da história, assim como a literatura ao tratar de temas que possibilitem o debate de fatos históricos, que podem ser ressignificados tanto pela visão do autor/diretor como do leitor/espectador. Utiliza-se como *corpus* teórico: Cândido (1993); Coutinho (2002); Nagib (2006); Ortiz (1994); Xavier (2001), dentre outros, que abordam a temática indígena dentro da cultura brasileira; tratam sobre a problemática identitária na literatura e no cinema brasileiro; discutem sobre estereótipo, discriminação e o discurso do colonialismo.

METODOLOGIA

O *corpus* da pesquisa consiste basicamente na utilização do romance *Meu querido canibal* (2000), de Antônio Torres; do filme *Hans Staden* (2000), do diretor Luiz Alberto Pereira; e de trabalhos de autores consagrados que tratam da temática neste projeto desenvolvida. Inicialmente foi desempenhada a leitura crítica e analítica das obras, destacando sua relação com os temas centrais da pesquisa. Em seguida, realizaram-se estudos pautados

em cultura, identidade e nacionalidade a fim de garantir uma base teórico-metodológica frente a transdisciplinaridade da pesquisa, com a releitura de estudos técnicos e científicos.

Para compreensão e análise destas obras, utilizamos diversos estudos críticos realizados sobre Torres e suas obras, tais como: ensaios, resenhas, artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado, além de entrevistas com o diretor Luiz Alberto Pereira e estudos acerca do cinema dos anos 70 (Cinema Novo). Utilizamos ainda outros instrumentos de pesquisa, como a pesquisa na internet, no próprio sítio de Torres (www.antoniotorres.com.br) e publicações científicas especializadas.

DISCUSSÃO

A pergunta pela identidade cultural da nação brasileira tem recebido muitas respostas ao longo dos séculos XIX e XX. No século XIX, essa discussão ocorreu principalmente no âmbito da literatura. Foi a partir do Romantismo que se passou a compreender a formação da identidade nacional como resultado do processo de fusão cultural e, com isso, entender o índio como símbolo de nacionalidade e, também, como expressão das matrizes formativas da identidade cultural brasileira. Recentemente, as comemorações dos quinhentos anos de história do Brasil desencadearam ampla discussão sobre a situação atual dos índios e relançaram o debate sobre a nação.

Portanto, a problemática da identidade nacional entrelaça-se por várias representações do índio na construção do imaginário brasileiro. De ingênuos, ignorantes; bestas selvagens; indolentes, a guerreiros canibais, as representações dos indígenas, aliada à descrição do espaço natural brasileiro, giram em torno da invenção de uma identidade imaginária e pode ser considerada uma constante de nossa tradição literária. Para os chamados “cronistas dos descobrimentos”, como Hans Staden, os habitantes da terra “descoberta” em 1500 pelos portugueses, eram seres animais, sem valores cristãos, a quem talvez nem mesmo a catequese pudesse converter e salvar, o que, desta perspectiva colonizadora justificaria os genocídios cometidos pelas missões religiosas e militares.

Contemporaneamente, autores auto-imbuídos da missão de recontar as histórias sob a perspectiva do colonizado, do marginalizado pela história oficial e na tentativa de confrontar a origem fundadora da nacionalidade, representam o indígena em uma versão mais próxima do índio real, a exemplo de Antonio Torres em *Meu querido canibal* (2000). Esta narrativa muito se utiliza da intertextualidade para reconstruir, num estilo ao mesmo tempo dramático e paródico, a história do Brasil nos primórdios da colonização; questiona não somente a versão oficial da história, mas também o lugar que a nação brasileira reserva ao índio, arquétipo degradado no imaginário nacional.

Esta obra de Torres tenta recuperar e ressignificar a figura de Cunhambebe, chefe supremo da nação Tupinambá, que organizou e comandou a Confederação dos Tamoios, em meados do século XVI. Devido às lacunas, à falta de relatos históricos escritos que comprovassem a história dos índios Tupinambás, o autor utiliza-se da estratégia de entrelaçar passado e presente, realidade e ficção, gerando assim dúvidas e questionamentos nos leitores. Nesta narrativa, o autor enquanto narrador se imiscui constantemente, chegando por vezes a nos confundir em relação aos limites entre o âmbito ficcional, o biográfico e o histórico.

Nota-se que desde o começo deste século, quando o cinema ainda buscava e explorava suas possibilidades e potenciais, filmes de temática indígena, baseados em obras literárias, eram produzidos no Brasil e no exterior. Tais filmes focalizam o índio brasileiro de formas variadas e expressam como a sociedade não indígena, urbana, dos centros produtores e consumidores de cinema, construiu e expressou um certo conjunto de imagens e valores em relação às sociedades indígenas.

Muitos cineastas brasileiros também vêm disseminando discursos sobre a nação e a identidade nacional desde o cinema dos primeiros tempos até a contemporaneidade. Para Souza (2007, p. 37) diversas tendências estáticas e variados gêneros fílmicos da sétima arte vêm contemplando o público com imagens da nacionalidade, que vão do canto eufórico e contemplativo à disforia crítica e mordaz em relação ao “mito de brasileiro. São imagens das Chanchadas, do Cinema Novo, do Cinema do Lixo, do Cinema da Retomada e do cinema contemporâneo, incluindo aí os documentários e os filmes adaptados de obras literárias, havendo uma preocupação com a (re)descoberta do país.

Os primeiros filmes do cinema brasileiro, que se enquadram na temática indígena, foram geralmente realizados por imigrantes em sua maioria, italianos e espanhóis. Estes vinham com práticas de atuação originárias da ópera e a ela deviam muito de seu estilo nas produções. Esses pioneiros do cinema brasileiro, logo elegeram este “outro indígena” como um possível objeto de sua atenção e fantasia. De acordo com Silva (2007, p. 10), do ponto de vista cronodidático verifica-se uma alteração nos enfoques dados aos personagens indígenas, a depender do contexto sociocultural da produção fílmica.

O filme *Hans Staden* (PEREIRA, 2000), conta a história de Hans Staden, um alemão que foi aprisionado, pelos tupinambás no litoral fluminense, em 1554. Segundo Nagib (2006, p. 110) várias características de *Hans Staden* apontam não apenas o livro de Stand, mas também o filme *Como era gostoso meu francês* (SANTOS, 1970) como fonte primeira. Todavia, o diretor daquele quis manter-se o mais fiel possível ao relato de Hans Staden, procurando embasamento histórico para locações, músicas, danças, pinturas, e costumes indígenas. Portanto, a opção pela fidelidade ao depoimento de Staden determina um ponto de vista narrativo único. A história é narrada em primeira pessoa, pela voz *over* do próprio ator Carlos Evelyn, que faz Staden, e as imagens se supõem ilustrações fiéis de sua narrativa. Assim, desde o início, o índio brasileiro se apresenta como alteridade exótica, pois sua imagem resulta do olhar desconfiado e defensivo do narrador. A montagem clássica em campo-contra-campo reproduz o ponto de vista subjetivo do herói.

Assim, no filme de Alberto Pereira, os índios ficam excluídos da construção do ponto de vista, ao contrário de *Meu querido canibal*, em que é o nativo que conta sua versão da história. Ao tomar o relato de Staden ao pé da letra, em lugar de aproximar-se do documento, *Hans Staden* se entrega decididamente à ficção e ao cinema de gênero, no caso, a narrativa de aventura. Vale ressaltar que o ponto alto do filme é a descrição/exibição detalhada dos costumes dos tupis, onde Staden relata espantosamente sua experiência de ser ameaçado constantemente de ser objeto de antropofagia ritual. Segundo o autor, foi Deus quem o salvou de ser devorado pelos seres “selvagens e cruéis”, bem como de outras situações perigosas.

É inegável que a literatura foi e tem sido tomada como referencial em muitas circunstâncias pelo cinema. Todavia, a imagem, o movimento e o som, habitualmente considerados materiais inerentes ao cinema, já integravam o universo literário, graças à capacidade, inerente à linguagem verbal, de descrever e sugerir aspectos que tocam nossa sensibilidade e acionam os mecanismos de nossa imaginação.

Segundo Seidel (2008, p. 44) no final do século XX, a multiplicação de meios de comunicação produziu frequentes relações entre linguagens, possibilitando uma maior complementação e um maior enriquecimento. Nesse contexto surge o diálogo entre o cinema e a literatura. A forma audiovisual passou a frequentar a linguagem literária, criando uma nova perspectiva sobre o modo de ver o mundo. Assim, a discussão da recepção do cinema na literatura, ou vice-versa, corresponde a mais um estágio estático e comunicativo de uma nova geração no âmbito da contemporaneidade.

Portanto, o diálogo entre cinema e literatura acontece também pela inclusão na literatura de caracteres típicos do cinema. São bastante abundantes os casos de textos, literários ou não, em que se registra um forte parentesco com elementos que, após o

surgimento dos meios tecnológicos, assumiram feição declaradamente cinematográfica. *Macunaíma* (1928) de Mário de Andrade e o romance *Viva o povo brasileiro* (1984) de João Ubaldo Ribeiro são exemplos deste diálogo literatura e cinema, já que seus autores lançam mão de características próprias do meio fílmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura e o cinema constituem documentos históricos valiosos para se compreender que representações uma sociedade constrói acerca de um determinado tema. Produzidas em temporalidades distintas, estas manifestações artísticas permitem não apenas discriminar os tipos de relacionamentos que se estabelecem entre culturas diversificadas, como também clarificar o conjunto de imagens e sentidos que configuram paisagens identitárias do Nós e do Outro que, nas entrelinhas de narrativas ficcionais, expressam simbolismo de ordem histórico-cultural.

No romance *Meu querido canibal* discute-se a manipulação da história pelo europeu e a subversão dos costumes indígenas. O autor avança na problemática do silêncio do colonizado e possibilita voz ao Outro, ao índio tupinambá, denunciando uma história de brutalidades cometidas pelos colonizadores. Já o filme *Hans Staden* oferece uma versão atualizada da identidade nacional, sintonizada com o espírito globalizado e o cinema comercial. Embora focalize o mesmo momento fundador da nação brasileira, ao adotar de modo acríptico o ponto de vista de um único personagem, deixa de lado o índio. Este é retratado como autóctone ignorante; o ritual antropofágico aparece como ato bárbaro, de povos incultos e selvagens, justificando a luta do bom herói Staden para livrar-se deles e alcançar o final feliz, ou seja, retornar a uma Europa “civilizada”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÂNDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.
- NAGIB, Lúcia. **A utopia do cinema brasileiro: matrizes, nostalgia, distopias**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- OLIVIERI-GODET, Rita. **Construções identitárias na obra de João Ubaldo Ribeiro**. Tradução: Rita Olivieri-Godet; Regina Salgado Campos. São Paulo: HUCITEC; Feira de Santana, BA: UEFS Editora; Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PEREIRA, Luiz, Alberto. **Hans Staden**. [Filme-vídeo]. Brasil/RJ. 92 min. Cor, 2000.
- ROUANET, Maria Helena (Org.). **Nacionalidade em questão**. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.
- SEIDEL, Roberto H.; GALEANO, Aloma. **Cinema e literatura: estéticas distintas e complementares**. *A Cor das Letras*, n. 9, p. 43-54, 2008.
- SILVA, Juliano Gonçalves. **Entre o bom e o mau selvagem: ficção e alteridade no cinema brasileiro**. In: *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 195-210, jul./dez. 2007.
- SOUZA, Ana Cristina Cruz de. **O cânone literário no cinema: O Guaraní, Dom (Casmurro) e Macunaíma – Leitura, olhares e desvios** [Dissertação]. Feira de Santana; UEFS, 2007.
- STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1974.
- TORRES, Antônio. **Meu querido canibal**. 4. ed., Rio de Janeiro: Record, 2003.
- XAVIER, Ismail. **O cinema brasileiro moderno**. 2. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2001.